

A REVOLUÇÃO SEXUAL NOS ANOS 70 E O PENSAMENTO CONTRACULTURAL DE ROSIE MARIE MURARO

Patrícia Marcondes de Barros

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar o pensamento de Rosie Marie Muraro, tida como uma das principais feministas brasileiras e interlocutora das ideias libertárias nos anos 70. Através de suas obras, no contexto de repressão militar no Brasil, concomitante a revolução sexual em curso, deu visibilidade a luta da mulher na perspectiva da contracultura, discutindo violência de gênero, androginia e sexualidade da mulher brasileira. Afirmou a necessidade de superar o dualismo oriundo da sociedade patriarcal e capitalista, reunificando aquilo que comumente colocam como opostos, “homem e mulher”, em um só corpo, transcendendo a questão sexual.

Palavras-chave: Contracultura, feminismo, Rose Marie Muraro.

La revolución sexual en los años 70 y el pensamiento contracultural de Rosie Marie Muraro

Resumen: Este artículo pretende presentar el pensamiento de Rosie Marie Muraro, considerada una de las principales feministas brasileñas e interlocutora de las ideas libertarias en los años setenta. A través de sus obras, en el contexto de la represión militar en Brasil, concomitante a la revolución sexual en curso, dio visibilidad a la lucha de la mujer en la perspectiva de la contracultura, discutiendo la violencia de género, la andrógina y la sexualidad de las mujeres brasileñas. Afirmó la necesidad de superar el dualismo de la sociedad patriarcal y capitalista, reunificando lo que solían poner como opuestos, “hombre y mujer”, en un solo cuerpo, trascendiendo el tema sexual.

Palabras clave: Contracultura, feminismo, Rose Marie Muraro.

The sexual revolution in the 70s and the countercultural thought of Rosie Marie Muraro

Abstract: This paper aims to present the thinking of Rosie Marie Muraro, considered one of the leading Brazilian feminists and interlocutor of libertarian ideas in the 1970s. Through her works, in the context of military repression in Brazil, concomitant with the ongoing sexual revolution, she gave visibility to the struggle of women in the perspective of the counterculture, discussing gender violence, androgyny and sexuality of Brazilian women. She affirmed the need to overcome the dualism of patriarchal and capitalist society, reunifying what they commonly put as opposites, “man and woman”, in a single body, transcending the sexual issue.

Keywords: Counterculture, feminism, Rose Marie Muraro.

Introdução

Rosie Marie Muraro (1930-2014) é tida como uma das principais feministas brasileiras e interlocutora das ideias libertárias nos anos 70 através de sua intensa participação no cenário cultural brasileiro, com a publicação de artigos, livros, traduções num contexto de repressão ditatorial. Deu visibilidade à luta emancipatória da mulher na perspectiva da contracultura colocando à tona, assuntos até então negligenciados pela História Social, relacionados à luta das chamadas “minorias”. A inspiração para a elaboração do referido artigo se deu através de entrevista concedida para a revista *Bondinho* (1971-1974) com o inusitado título “Homem não é homem, mulhomem. Mulher não é mulher, homulher” (JARY, maio 1972).

Nesta entrevista é visível a influência que Muraro recebeu do antropólogo e crítico americano (de origem mexicana) Norman O. Brown, no concernente à ideia de superação da questão sexual, indo além do entendimento binário (“homem ou mulher”)¹, geralmente apresentado. Influenciada pelos movimentos de contracultura que eclodiam no mundo, analisou também em suas obras a

androgínia, um dos temas colocados pela revolução sexual em curso, protagonizados pelos então jovens da era eletrônica. A androgínia, simbolicamente representada pela união dos opostos: “homem e mulher”, foi compreendida por muitos como a mutação e evolução da espécie humana.

Sobre essa nova sensibilidade andrógina que emergia, Muraro (1972) afirma que:

na juventude atual a mulher já vem espontaneamente igual ao homem. O jovem da era eletrônica não tem sexo especializado. A Era Eletrônica é a Era do andrógino. O unissex não é mais do que um sintoma físico de uma transformação mais profunda. O machão tradicional reprimia a sensibilidade, assim como a mulher submissa reprimia a inteligência. Na Era Eletrônica, o jovem não tem medo de viver até as últimas consequências a sua sensibilidade e a mulher atira-se em massa às atividades intelectuais. Fica deste modo esmaecida a milenar especialização sexual (esquizofrênica) que dividiu o homem da mulher e os deixou sós (MURARO, 1972, p. 7).

A revolução sexual tinha como mote o descondicionamento às premissas da sociedade capitalista, tecnocrática e patriarcal que na esteira dos movimentos contraculturais dos anos 60 ganharam nuances específicas no Brasil. Muraro foi uma das principais mediadoras desses ecos juvenis e libertários, tratando de assuntos que envolviam a sexualidade dentro de uma perspectiva social, frisando a necessidade de uma sociedade equilibrada, em que as concepções do feminino e masculino fossem finalmente transcendidas e superadas.

O referido artigo, de caráter qualitativo bibliográfico e documental, divide-se em dois momentos: no primeiro, abordaremos de forma geral como o movimento contracultural abordou a temática sobre a sexualidade, dando visibilidade aos movimentos feministas, até então minorizados pela história oficial e, no segundo, a contribuição de Muraro no cenário cultural brasileiro, especificamente, na divulgação da chamada “nova consciência” relacionada à contracultura hippie.

“Por mais Eros e menos civilização”: o “desbunde” & a revolução sexual

o que o mundo leigo precisa, sem dúvida, é um pouco de Eros e menos contenda; mas o mundo intelectual precisa de muito mais. Um pouco mais de Eros tornaria consciente a inconsciente harmonia entre sonhadores, dialéticos de todos os tipos – psicanalistas, idealistas, políticos, místicos, poetas, filósofos – e acabaria com polêmicas estéreis e insensatas. Uma vez que a ignorância parece ser quase sempre uma questão de auto-ignorância, um pouco mais de consciência psicanalítica de todos os lados (inclusive dos psicanalistas) poderia ser útil a um pouco mais de auto-conhecimento, humildade, humanidade e Eros (BROWN, 1972, p. 371).

O movimento denominado de contracultura emergiu nos anos 60 como resposta crítica frente às ilusões do capitalismo e pelo rigoroso sistema tecnocrático. Seu caráter político ganhou visibilidade nos Estados Unidos através da luta integrada pelos direitos civis dos negros, homossexuais e mulheres, da inserção do jovem enquanto importante ator social, do pacifismo, do pensamento ecológico, entre outras novas proposições que não eram contempladas na chamada política tradicional.

Hall afirma que:

podemos tratar a crescente politização do Underground, desde a luta integrada pelos direitos civis, através de revoltas nos campus, a militância separatista do poder negro e da Nova Esquerda branca. Aqui, primeiramente se forjou uma crítica ao sistema – pobreza no meio da opulência, o poder do complexo industrial-militar, a obscenidade da guerra e o neoimperialismo americano em escala global, a grande mentira da manipulação dos meios de massa, o crescente absurdo de amplos setores da juventude americana, a educação errônea e compulsiva dos estudantes nas enormes e impessoais estruturas das multiuniversidades dependentes das corporações. Porém, em segundo lugar, à medida que os problemas se ampliaram e começaram a se complicar, forjou-se também um novo estilo de ativismo político: as marchas pela liberdade, a organização das comunidades, ocupação dos campus, o “teach-in”, as manifestações de massa, os levantes urbanos caracterizados pelo saque e incêndio, os vários tipos de confrontação. Nesta matriz, algo – uma geração inteira, um continente, uma era de convencionalismos políticos, evasões, ideologias e agrupações foram descongeladas (HALL, 2002, p. 56-57).

A busca por uma existência autêntica levou a juventude contracultural nos anos 60 a ampliar o conceito de política, estendendo-o ao corpo, ao comportamento dos indivíduos, à questão sexual. As considerações marxistas já não respondiam aos novos paradigmas que se impunham a um mundo eletrônico, desterritorializado, diverso e complexo.

Luiz Carlos Maciel, principal interlocutor da contracultura brasileira, afirma:

para os jovens comer evidentemente não é tudo. Pelo contrário, a juventude é uma fase da vida em que todos os instintos florescem. Havia por exemplo, uma questão muito importante para os jovens sobre a qual o marxismo não dizia nada e que estava relacionada ao sexo. Muitas pessoas que foram formadas, que se desenvolveram e evoluíram a partir da perspectiva marxista, chegaram ao ponto de perceberem que era preciso alargá-la por exigência de sua própria vida cotidiana, na qual o sexo desempenhava um papel importantíssimo, preponderante, talvez a principal preocupação das pessoas. E, no entanto, a sua postura ideológica não tratava desse assunto (MACIEL, 1978, p. 34-35).

Maciel assinava a coluna *Underground* (1969-1971), veiculada no semanário *O Pasquim* (1969-1985), pioneira na abordagem da contracultura e dos ecos dessa no Brasil. Recebeu inúmeras cartas de leitores que procuravam soluções para suas vidas de maneira não convencional. O principal teor das cartas era sobre a sexualidade.

Em entrevista, Maciel(2005) comenta:

“ah, quer dizer que eu posso?” Era um anseio generalizado por uma liberdade sexual maior. Isso era o que animava e motivava todo mundo. Era mulher que queria deixar o marido, “dar por aí”, o outro rapaz que queria ser gay, a menina também que queria ser sapata...era esse negócio assim de liberdade sexual, o grande apelo da transação toda, das pessoas encontrarem liberdade sexual e atingirem a felicidade. Porque estavam submetidas às repressões externas e internas. Alguns reclamavam das repressões externas; outros, pela repressão interna que não permitia que eles fizessem as coisas que queriam fazer. Então eu acho que esse foi o grande impacto e a transformação de comportamento nessa área de sexo, acho que foi a mais profunda que houve naquela época. Porque até esta fase da contracultura, os costumes sexuais eram inteiramente repressivos mesmo! A mulher não podia casar se não fosse virgem, porque isso era um escândalo! Mil coisas que hoje não tem a menor importância, tinha uma importância incrível na época! Então foi uma coisa assim libertadora, que aliviou muita gente (BARROS, 2007, p. 79).

Em contraponto à repressão sexual, desenha-se com a proposta contracultural, a formação de uma “nova consciência” que abarcava temáticas consideradas até então “sem tanta importância”

frente a problemas tidos pelas alas conservadoras da direita e esquerda, como “sérios”, estruturais. Sobre a sexualidade, dentro da perspectiva da contracultura, discutiu-se acerca do corpo e de como as instituições (estado, escola e família, a exemplo) a controlavam de forma autoritária.

Obras que discutiam a sexualidade na perspectiva social e psicanalítica como as de Wilhelm Reich (1979), Herbert Marcuse (1978) e Norman O. Brown (1972)², balizaram parte da juventude contracultural, desperta para a mudança de consciência em relação à sociedade e a vida que se desejava. Pois só através de uma sexualidade sadia³ poderia-se mudar a sociedade, aniquilando as dualidades que geram os conflitos e, conseqüentemente, as neuroses⁴.

Para ser efetiva a transformação social, fazia-se necessário o rompimento com as antigas formas de se viver, estabelecidas pelo sistema. O lema da juventude imersa na contracultura: “*drop out*”, o “cair fora” do sistema, expressava os contornos de uma nova sociedade de cunho alternativo. A partir da ideia de se formar uma nova sociedade surgiram as comunidades alternativas, antagônicas ao modelo familiar monogâmico. Segundo o psiquiatra David Cooper, a família tradicional consistia no aparato de dominação mais eficaz da sociedade contemporânea, portanto, era importante discuti-la e ressignificá-la:

o poder da família reside na sua função de mediação social. Ao proporcionar a todas as instituições sociais um paradigma de fácil controle, ela reforça o poder efetivo da classe dominante, seja qual for a sociedade onde ocorra a exploração. Assim encontramos réplicas da família como tal em todas as estruturas sociais: na fábrica, no sindicato, nas escolas, na universidade, na grande empresa, na igreja, na organização governamental e nos partidos políticos, nas forças armadas, nos hospitais gerais e psiquiátricos e assim por diante (COOPER, 1986, p. 8).

Segundo Cooper (1986), o ponto crucial da família é o de induzir o indivíduo ao conformismo através de uma educação normatizadora e alienadora, perpetuada entre gerações. É neste estado “obediente”, que se encontra o indivíduo considerado “normal” pelo sistema, alheio a todas as facetas de sua própria experiência pessoal, a todo impulso espontâneo para ação e à mais elementar consciência do seu corpo (COOPER, 1986, p. 15-16).

A perspectiva de uma outra concepção de “família”, advinda da ideia das comunidades não autoritárias reichiana, acenava a possibilidade de gerir um novo indivíduo, livre das compulsões neuróticas engendradas em prol do sistema estabelecido.

“Da cidade para o campo” e “da família para a comunidade”, tudo se tornava comunal: a economia, as tarefas cotidianas, o sexo e o amor.

A formação das comunidades no teatro foi assinalado pelo estilo de vida contracultural do *Living Theater*. O referido grupo, apesar das frequentes dificuldades financeiras, considerava as mesmas abstratas e de fácil resolução; diferente da questão sexual, supervalorizada no grupo. Nesta comunidade havia uma grande atividade sexual entre os membros, contudo, se esbarrava em um problema contraditório sob o ponto de vista da nova consciência: os ciúmes (a questão da posse). O trabalho e a vida pessoal se misturavam, abastecendo-se reciprocamente. A criação artística era algo do coletivo, uma experiência vital não dissociada das outras instâncias da vida pessoal. No Brasil, uma das mais conhecidas comunidades que representou o novo modelo familiar advindo das ideias contraculturais foi dos “Novos Baianos”. Localizada em Botafogo, no Rio de Janeiro, foi composta

inicialmente pelos artistas Baby Consuelo, Luiz Galvão, Moraes Moreira, Paulinho Boca de Cantor e Pepeu Gomes.

tendas improvisadas, feitas de toalha de cetim. Colchas de rendas, retalhos de chitas, franjados, patchwork amarrado com fitas e muitas cores. Colchões no chão. Pode ser uma esteira, vários cobertores dobrados ou até mesmo um anatômico. Não há regras, nem leis. É um apartamento de cobertura onde poderia estar vivendo um chefe de família com a sua família. [...] Dezoito pessoas morando. Tanto faz ser quinze ou duas e todas se isolam. Não é preciso se organizar, acordar às oito, escovar os dentes, tomar o café, fazer ginástica, almoçar, ler, trabalhar e muito menos ver televisão.[...] O dinheiro que pinta é dividido entre todo mundo. O cigarro é de ninguém. Na casa mora a felicidade⁵.

A nova organização social das comunidades tinha como base as relações livres e não compulsórias entre os membros e a ausência de repressão sexual. Contudo, tal processo não se deu de forma efetiva pois havia por parte dos seus integrantes, a internalização da família tradicional e do sistema, de forma geral. Em depoimento, Vera, que viveu na comunidade dos “Novos Baianos” afirma que a experiência em comunidades não diferia muito da “carentice” da família burguesa.

não tinha muita diferença. Talvez a gente só vivesse mais relaxada, fora dos padrões tradicionais. Isso visto mais pelo lado de fora do que de dentro. A organização dessas estruturas alternativas [...] a maioria é de fachada mesmo. Na verdade, dentro das casas, os esquemas ali traçados tinham os mesmos problemas de mesquinha e mentira que existiam nas famílias burguesas. Não tinham uma mudança profunda. Era mais um anarquismo que uma mudança interior [...] e essas pessoas não eram tão felizes quanto pareciam. Tinha um sofrimento muito grande, geral (DIAS, 2003, p. 109).

Muitas das propostas contraculturais emergiam mais como um anseio romântico do que como efetiva transformação social, ainda que suas reverberações alcancem os dias atuais (a exemplo das ações de sustentabilidade e luta das minorias por seus direitos civis). O caráter assistemático de suas ações inviabilizou a compreensão de suas principais ideias, até mesmo pelos seus simpatizantes. No Brasil, a exemplo, haviam escassas fontes de informação sobre o assunto e a travessia de suas principais ideias se deram tardiamente, em fins da década de 60, se estendendo a década de 70. Ganhou suas primeiras expressões através da revolução estética e comportamental propiciada pelo Tropicalismo, ganhando vazão durante a década de 70 de forma marginal, com a publicação de livros, impressos alternativos e manifestações artísticas, num período de total cerceamento da liberdade, sob a égide da ditadura militar.

O termo “desbunde”, surge no Brasil dos anos 70 de forma pejorativa, marcando a deserção de parte da juventude contracultural em relação a militância política da esquerda ortodoxa, marcadamente arraigados à temas da política tradicional. Para a ortodoxia esquerdista, o “desbunde” consistia num desvio “pequeno burguês”; para a direita militarista, uma subversão de jovens drogados, “mulheres perdidas”, todos embalados pela música que representava o ataque imperialista a cultura brasileira, o “rock”.

Indo além dos conceitos de luta de classes, educação, psiquiatria, identidade nacional, política, sexualidade, homem e mulher, a contracultura caminhou na contramão dos discursos lineares. Imersos no aforismo de Marshall Macluhan: “O meio é a mensagem” e assim, da ideia de

internacionalização da contracultura *hippie* através dos meios de comunicação, tinham como princípios básicos: a liberdade e experimentação em todos os âmbitos. Sua revolução comportamental, trouxe uma dimensão estético-erótica que se contrapôs ao consumismo, ao conformismo e a competição. Em prol de uma tomada de consciência existencial e reencantamento da vida com os valores da felicidade, paz e beleza em todo planeta, desejou-se uma nova era. Muraro afirma:

mulheres, jovens, negros, oprimidos, todas as classes de pessoas dominadas por uma minoria, nesta segunda metade do século vinte, e que também a época da comunicação eletrônica planetária despertam. As autoridades, acostumadas a pensar politicamente esquecem-se que esta revolução eletrônica é também a revolução da informação e da informação planetária. Portanto, acima de qualquer política e qualquer cultura. A televisão e os teletipos não sabem respeitar fronteiras nem políticas nem ideologias. Invadem tudo. Não há mais isolamento possível ao mundo eletronicamente unificado (MURARO, 1972, p. 7.)

A nova era marcada pelo advento da pílula anticoncepcional (o que simbolizava para as mulheres, o sexo não apenas para a procriação, mas para o prazer), das comunidades em detrimento da família tradicional, da “curtição” em contraponto ao casamento monogâmico e do prazer em detrimento à ânsia de poder propagada pelo sistema capitalista, foram algumas das propostas contraculturais relacionadas ao campo da sexualidade. A necessidade de se combater todas as formas de poder e opressão advindas da sociedade patriarcal estabeleceu a interseção com o movimento feminista. Podemos afirmar que o feminismo foi e é uma contracultura em seu discurso intelectual, filosófico e político na busca da equidade de gênero.

Muraro coloca a luta feminista na perspectiva da contracultura, afirmando que a civilização patriarcal foi questionada como em nenhum outro momento, transcendendo as premissas marxistas de luta de classes, ampliando-as:

antes só havia uma consciência de luta de classes, que era a mais aparente; hoje o homem tem consciência de que a luta de classes é apenas uma expressão menor diante da estrutura global, daí só se pode falar em uma luta de culturas: a cultura dominante e a contracultura. E todas as lutas contra a opressão constituem uma luta global a que hoje chamam de contracultura. Não existem mais países, nem sexos, idades, nem raças, nem classes em luta. Existe sim uma mentalidade dominante e uma mentalidade dominada, que está adquirindo consciência numa velocidade incrível e planetária, no mundo inteiro, nos países capitalistas e nos países socialistas, na África primitiva e na Europa desenvolvida (JARY, 1972, p. 45).

Muraro assinala o que existe em comum nas lutas do jovem contracultural e da mulher na chamada “nova Era”: a ruptura da relação dominante-dominado, que leva consigo a recuperação do corpo, “quando a mulher descobre que pode ter uma vida sexual mais plena, e o jovem descobre a vivência plena dos sentidos e da inteligência - tudo isso tem uma base comum que é a recuperação da vida do corpo em todas as dimensões” (JARY, 1972, p. 45).

As discussões levantadas sobre a necessidade de se recuperar corpo, sexualidade e vida, no contexto da contracultura nas décadas de 60 e 70, ainda estavam incipientes. Muraro foi uma das principais interlocutoras não apenas do feminismo, mas também da contracultura brasileira, através de seu trabalho ímpar como escritora e tradutora de obras consideradas na época, “subversivas” e

provocadoras, além das entrevistas concedidas aos meios alternativos (nos quais foi também colaboradora assídua). O aspecto contemporâneo e visionário de seu pensamento alcança os dias atuais.

O feminismo de Rose Marie Muraro e a proposta contracultural andrógina: “Homulhomem e Mulhomulher”

talvez os sexos sejam mais aparentados do que se pensa e a grande renovação do mundo talvez resida nisto, o homem e a mulher, libertados de todos os sofrimentos falsos, de todos os empecilhos, virão a procurar-se não mais como contrastes, mas sim como irmãos e vizinhos; a juntar-se como seres humanos. O problema dos sexos no eu (RILKE, 1971).

Rose Marie Muraro foi autora de mais de 40 livros, editou mais de 1600 títulos, abrangendo temas diversificados como feminismo, sexualidade, juventude, ecologia, educação, entre outros. Física, economista e escritora, ingressou na Editora Vozes em 1961, quando trabalhou com Leonardo Boff durante 17 anos gerindo não apenas o feminismo, como também, a Teologia da Libertação. Criou a editora *Forense Universitária* (1965) e a *Rosa dos Tempos* (1990), primeira dedicada as mulheres do Brasil em sociedade com Laura Civita, Ruth Escobar e a Editora Record. Foi fundadora do Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres e nomeada pelo governo federal a “Patrona do Feminismo Brasileiro”(2005). Sua vida intensa pode ser vislumbrada através de suas obras, tidas pela mesma “como uma forma eficaz de incendiar o mundo” (1999). Em sua autobiografia intitulada: “Memórias de uma mulher impossível” (1999), conta sua trajetória como intelectual, deixando transparecer seu olhar sensível em relação a existência e a sobrevivência da mulher em um mundo machista. Traça um painel das mais relevantes tendências culturais e sociais da segunda metade do século XX, no Brasil e das suas experiências com as drogas, a loucura, o câncer e a militância na Esquerda Católica⁶. “Só o impossível cria o novo”, sua máxima, mediante as “impossibilidades” que enfrentou sendo parcialmente cega, mulher e visionária, imersa na aspereza cotidiana da sociedade capitalista patriarcal que vivenciou intensamente sendo de origem abastada (Muraro nasceu em uma das mais ricas famílias do Brasil e em sua adolescência, com a morte repentina do pai e as lutas pela herança, rejeitou sua parte). Criou “o novo” através de seu pensamento, em prol de uma humanidade livre.

Até 1970 não existia muitos escritos no Brasil sobre a questão da mulher em sociedade, apenas algumas teses universitárias e o livro de Carmem da Silva “Arte de ser mulher” (Apud DIAS, 2003) pela editora Civilização Brasileira. Muraro lança seu primeiro livro reconhecidamente feminista em 1970, intitulado “Libertação sexual da mulher”, pela Editora Vozes onde apresenta teses feministas difundidas por mulheres e alguns homens do mundo inteiro. Afirma em depoimento (2007) que tomou conhecimento do feminismo através de uma freira que a presenteou com o livro da norte-americana Betty Friedman intitulado *A mística feminina* (1963). A referida obra deu origem ao movimento de libertação das mulheres nos Estados Unidos e foi traduzida e lançada por Muraro em 1971, pela Editora Vozes. A obra, segundo Muraro, tem cunho libertador, pois tratava da autonomia feminina, inclusive a sexual, com o direito natural da mulher atingir o orgasmo.

Apesar do feminismo ser tratado com desdém, como história menor mediante a situação de ditadura militar e cerceamento da liberdade de expressão, a ocasião de lançamento da referida tradução escandalizou o país, pois contou com a presença ilustre da própria autora, a feminista Betty Friedman. Esta anunciou pelos meios comunicacionais que era uma cidadã democrática e desconsiderava o governo militar. Tal depoimento trouxe inúmeros aborrecimentos a Muraro, não apenas oriundas do governo ditatorial, mas também da ala conservadora da igreja católica e a mídia, que ridicularizou Friedman. A causa feminista a contragosto da mídia e impulsionada pela mesma, ganhou grande visibilidade devido a esta ocasião singular. Muraro interpretou a reação negativa de setores conservadores como “a expressão de uma sociedade patriarcal que se sentia ameaçada por uma mudança no papel da mulher” (MUNARO, 1972, p. 6). Aproveitando a perseguição da mídia, Friedman a usou em favor da própria causa e fez duras críticas a sociedade de consumo, ocasionadora da opressão feminina no mundo:

foi chamada de lésbica e feia pelo colunista Ibrahim Sued, sofreu com a turma do Pasquim, mas acabou se saindo bem em uma entrevista realizada ainda naquele ano pelo jornal nanico. Sem cobrar cachê, viajando apenas com as despesas pagas, como conta Muraro, Betty veio para um lançamento duplo no país: no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, e na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo. Logo que chegou ao Rio, foi levada por Rose para ser entrevistada por Millôr Fernandes e seus asseclas, sabidamente antifeministas, no Pasquim. Provocada durante toda a entrevista, ela se irritou e “deu uma cacetada no gravador que foi parar longe”, nas palavras da própria Rose (DUARTE, 2006, s/p).

Essas provocações às feministas não são tão desconhecidas das mulheres do século XXI: termos chulos, “frases feitas” e piadas politicamente incorretas fazem parte do cotidiano das mulheres em seu trabalho, lazer, vida familiar, além das redes sociais, a exemplo.

Em “Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças” (2002), Muraro e Leonardo Boff evidenciaram a relação homem-mulher-natureza. Buscou-se uma concepção crítica sobre o que é concebido como “feminino” e “masculino”, buscando a transcendência de tais concepções em prol da humanidade, do planeta terra. Boff ressalta que a Bíblia é evocada e interpretada no devir patriarcal, com a finalidade de legitimar a opressão realizada contra a mulher e transformada em sistema simbólico instituído. Muraro reflete sobre a construção da libido, a dominação através da relação sexual e da formação da ideia de gênero, aquilo que define os seres humanos dentro de uma realidade simbólica. O conceito de gênero, segundo Muraro, é definido através do inconsciente dentro de um devir econômico e sócio-cultural que o denomina e ressignifica constantemente. Defende que cada pessoa contém o feminino e o masculino dentro de si e a importante tarefa seria a de equilibrar tais porções. Neste sentido se coaduna com as ideias do psicanalista Norman O. Brown que traduz essa nova consciência no campo não apenas do entendimento da sexualidade, mas também, da análise social ao acreditar que todos são antes de tudo seres humanos, e mais ainda, andróginos, fundindo assim a dualidade colocada pela visão ocidental. Segundo sua interpretação: “Deus criou o homem à própria imagem, macho e fêmea” (BROWN, 1972). A androginia reunificaria os opostos, e se constituiria como “a ressurreição do corpo”, ou seja, a plena atualização de todas as suas potencialidades.

Na obra “A mulher no 3º. Milênio” (1992), Muraro faz uma retrospectiva histórica, afirmando que no início da humanidade homens e mulheres viveram em harmonia entre si e a natureza. Foi a partir do mito judaico-cristão do patriarcado que a mulher passou a ser sistematicamente desvalorizada e o mundo entrou em uma decadência ética (TARDIM, 1992). Otimista, acreditava num futuro de solidariedade e partilha entre os sexos.

No documentário “memórias de uma mulher impossível” (2009) Muraro afirma que:

havia no começo seres perfeitos que tinham duas cabeças, quatro braços e quatro pernas e eles eram hermafroditas poderosos que ameaçavam os deuses. Então os deuses cortaram no meio e criaram o homem e a mulher, que desde então sempre se procuram, um ao outro⁷.

Os deuses aqui representam o sistema que se alimenta da brecha existente entre homens e mulheres. A relação andrógina, ou seja, plena, colocava em xeque o sistema que não funcionava.

Sobre o conceito de plenitude inerente a androginia, Muraro escreveu conforme percebemos, inúmeros artigos e livros. Dentro da imprensa alternativa na década de 70 (único meio possível de se obter uma contrainformação à imprensa oficial), novos temas foram abordados sob seu olhar vanguardista. Em entrevista concedida para a revista alternativa *Bondinho* com o título: “Homem não é mulher, mulhomem. Mulher não é mulher, é mulhomem” (1972), enfatiza que a questão não era ser feminista ou machista mas sim, da manifestação do equilíbrio entre essas duas essências que deveriam se fundir. A dualidade, ocasionadora dos conflitos, deveria ser abolida em favor da reunificação dos opostos em um só corpo: o “homulher e a mulhomem”.

totalmente feminino, nada rejeitas: abriga todos os relâmpagos e os compreendes, na compaixão totalmente masculino, nada desejas: ofereces todos os relâmpagos, em doação atenta. Receber e dar, ativa e passivamente, é deixar que a dança de shiva te atravessasse, rompendo a cascadina do desespero e horror que também podes reconhecer, agora submersa na alegria amorosa que se manifesta. Mas esta treva brilha e se confunde com a luz (RILKE, 1971, p. 11).

São muitas as obras, entrevistas e traduções que Rose produziu no intuito de auxiliar no processo de formação da chamada “nova consciência”, advinda da contracultura de então. Segundo sua ótica, a luta feminista no contexto singular do Brasil, deveria romper a incomunicabilidade entre os sexos trazendo um projeto de mundo em que homens e mulheres se sintam iguais e que isto seja naturalizado. Muraro proclama: “ABAIXO O MACHÃO!...E viva o mundo andrógino!!! Bem, bichos e bichas, o andrógino é um papo muito especial e fica para o próximo número” (MURARO, 1972, p. 6-7).

Considerações finais

As ideias diversificadas e visionárias de Muraro não cabem na referida produção aqui apresentada, dedicada as suas ideias relacionadas não apenas ao feminismo, mas também a contracultura promovida por parte da juventude dos anos 60.

Sua contribuição ímpar para o cenário cultural brasileiro lhe rendeu o título de “patrona do feminismo brasileiro”, entre outros títulos e prêmios. Muraro autointitulava-se simplesmente como

uma “porra-louca”. Foram inúmeras palestras, artigos, livros e traduções abordando não apenas a luta feminista, mas também a ecológica, os jovens, a contracultura, entre outros movimentos sociais minorizados na História oficial. Muraro sempre se colocou ao lado dos jovens “aquarianos”, pertencentes a Era eletrônica: “Sinto-me, também, como os jovens, marginal a uma sociedade rígida e competitiva” (MURARO, 1972, p. 6-7). A juventude, segundo a escritora estava fazendo do mundo uma aldeia planetária, desterritorializando a vida e desterrando costumes culturais cristalizados.

Afirma sua admiração pela juventude:

como nos primitivos, há entre eles uma comunhão, um senso do concreto, do mítico e do místico, que é completamente novo no mundo de dez mil anos para cá. Apresentam uma grande precocidade intelectual e afetiva em relação à geração anterior, devido aos estímulos dos meios eletrônicos que receberam desde a infância e que aquela geração não recebeu. A crise de gerações não é pois, igual à dos outros tempos. São quase dois mundos, duas espécies humanas diferentes que se entrecrocaram. Quase. Nessa área de jovens mutantes descobri também que o problema da mulher já era. Foi aí que minha cuca fundiu (MURARO, 1972, p. 7).

Não podemos reduzir Muraro apenas em sua luta feminista, tendo em vista as muitas dimensões que suas ideias nos leva. Dos jovens mutantes a questão ecológica, do feminismo a androginia, das drogas a militância na Esquerda Católica, sua base de pensamento consiste na crítica sistemática ao sistema capitalista patriarcal e seus aparatos de dominação que ocasionam as dualidades e conseqüentemente a opressão, o sofrimento e as neuroses.

As ideias libertárias de Muraro alcançam o século XXI ainda como transgressoras frente a um país arraigadamente machista e que passa por um momento de grande retrocesso em todos os âmbitos, com as alas conservadoras da direita em crescente ascensão. A questão sexual não foi ainda superada e a luta de homens e mulheres por uma sociedade mais justa e, portanto, feminista, necessária.

Notas

¹ O entendimento binário classifica o sexo e o gênero de forma generalista, antagonista e determinista. Entendemos o sexo como sendo as características físicas e biológicas dos corpos e gênero, como uma construção cultural histórica e social em que se classificam as pessoas (SCOTT, 1990) e que se categorizam o feminino e o masculino. Tal classificação de gênero é mutável, pois está em constante processo de resignificação devido às interações concretas entre indivíduos do sexo feminino e masculino. Muraro vai além do referido generalismo binário, transcendendo-o na proposta de que o “masculino e o feminino” coexistem simbolicamente num só corpo.

² As obras a que me refiro são: *A vida contra a morte*: o sentido psicanalítico da História de Norman O. Brown, *Eros e Civilização*: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud de Herbert Marcuse e *A Revolução Sexual* de Wilhelm Reich.

³ Sexualidade “sadia” aqui entendida na perspectiva de Marcuse, Reich e Brown como pulsão de vida, quando há o desligamento efetivo do indivíduo de todos os valores consagrados de sua cultura e civilização, em prol do físico e da fruição orgiástica de seus instintos libertos, sem as distorções entre o consciente (princípio de realidade) e o inconsciente (o princípio de prazer), preconizados por Freud.

⁴ Freud e Reich afirmam que a neurose advém do conflito entre o instinto e a moralidade, adiando a satisfação. Sob a perspectiva da contracultura fazia-se necessária uma revolução sexual que curasse tais conflitos advindos do sistema dualista através da postura de descondição cultural, estabelecendo assim, novas proposições.

⁵ Novos Baianos (maio 1972).

⁶ Refiro-me ao papel de resistência que a Igreja Católica exerceu durante o regime militar e que se caracterizou pela defesa da justiça social com base na doutrina cristã. Posteriormente foi conhecida como “Teologia da

Libertação”, termo criado em 1972 pelo teólogo peruano Gustavo Gutierrez, baseados nas experiências e atividades do laicado brasileiro sob a influência de D. Helder Câmara (MURARO, 2000, 187).

⁷ Memórias de uma Mulher Impossível (40 min). Produção de Márcia Derraik, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PkUyFDOJtec>. Acesso em: 21 maio 2017.

Referências

BARROS, Patrícia Marcondes de. *Provocações Brasileiras: a imprensa contracultural Made in Brazil - coluna Underground (1969-1971), Flor do mal (1971) & a Rolling Stone brasileira (1972-1973)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

BOFF, Leonardo; MURARO, Rosie Marie. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro de gerações*. São Cristóvão: Record, 2010.

BROWN, Norman Oliver. *A vida contra a morte: o sentido psicanalítico da História*. Editora Vozes. Petrópolis: Vozes, 1972.

COOPER, David. *A morte da família*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

DIAS, Lucy. *Anos 70: enquanto corria a barca*. São Paulo: Editora Senac, 2003.

DUARTE, Ana Rita Fontes. Betty Friedman: morre a feminista que estremeceu a América. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, jan./abr. 2006.

HALL, Stuart. *Los hippies: uma contra-cultura*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1970.

JARY. Homem não é homem, mulhomem; mulher não é mulher, homulher. *Revista Bondinho*, São Paulo, maio 1972. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/larawerner/rose-marie-muraro-livro-deartigos>. Acesso em: 29 maio 2017.

MACIEL, Luis Carlos. *A morte organizada*. Rio/São Paulo: Global e Ground, 1978.

MURARO, Rosie Marie. *Memórias de uma mulher impossível*. 5 ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2004.

_____. *A mulher no terceiro milênio*. São Cristóvão: Rosa dos Tempos, 1992.

_____. Feminismo e Androginia. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, n. 3, 29 fev. 1972.

NOVOS BAIANOS. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 22-23, 30 maio 1972.

RILKE. Cartas a um jovem poeta. *Flor do mal*, Rio de Janeiro, jun.1971.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

Recebido em: jan. 2017.

Aceito em: maio 2017.

Patrícia Marcondes de Barros: Doutora em História e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pós-Doutora pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS). Docente na Universidade Estadual do Paraná (Unespar, campus Paranaguá). E-mail: patriciamarcondesdebarros@gmail.com